



Constantina Araújo: excelência artística na formação de cantoras brasileiras em São Paulo nas décadas de 1940-1950

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Musicologia

Benedicto Bueno Gurgel Júnior
Universidade de São Paulo
jr-gurgel@usp.br

Adriana Lopes Moreira
Universidade de São Paulo
adrianalopes@usp.br

Resumo. A pesquisa compreende os dez anos de carreira do soprano *lirico-spinto* Constantina Araújo (1922-1966), considerando sua formação pelas mãos de Francisco Murino (?-1953), o percurso musical pelas rádios Cultura, Gazeta e teatros municipais de São Paulo e Rio de Janeiro, e sua estelar passagem pela Itália. Fontes primárias como cartas, documentação pessoal, entrevistas gravadas e registros fonográficos, bem como catálogos e artigos em periódicos serão apresentados e analisados. Até o presente, Constantina Araújo é considerada um importante soprano de projeção nacional e internacional, reconhecido por seus pares, crítica e regentes mais respeitados no país e fora dele, principalmente no circuito europeu e norte-americano, mencionada em boa parte dos dicionários e compêndios brasileiros sobre arte lírica. A conclusão destaca contribuições da presença da arte vocal em rádios de São Paulo para um conhecimento mais amplo da produção lírica desta época.

Palavras-chave. Musicologia histórica, Ópera, Rádio Gazeta, Vocalidade, Constantina Araújo.

Constantina Araújo: Artistic Excellence in the Training of Brazilian Singers in São Paulo in the 1940s and 1950s

Abstract. The research covers the ten-year career of *lirico-spinto* soprano Constantina Araújo (1922-1966). It encompasses her training under Francisco Murino (?-1954), her musical journey through radio stations Cultura and Gazeta, as well as municipal theaters in São Paulo and Rio de Janeiro, and her stellar period in Italy. Primary sources such as letters, personal documentation, recorded interviews, phonographic records, as well as catalogs and articles in journals will be presented and analyzed. Constantina Araújo remains to this day a mythical soprano of national and international renown, recognized by peers, critics, and respected conductors both in and outside Brazil, particularly in the European and North American circuits. She is mentioned in a substantial part – if not the entirety – of Brazilian dictionaries and compendiums on lyrical art. The conclusion highlights the contributions of vocal art presence on São Paulo radio to a broader understanding of lyrical production during this period.

Keywords. Musicologia histórica, Opera, Radio Gazeta, Vocality, Constantina Araújo.



Introdução

De meteórica, porém curta, carreira nos palcos brasileiros e europeus, Constantina Araújo (1922-1966, Figura 1) é um soprano representativo da história da arte lírica nacional. De maneira muito sagaz e objetiva, saiu dos programas de rádios paulistanos da Cultura e da Gazeta de São Paulo, e das produções nacionais de óperas do Teatro Municipal de São Paulo, para arrebatá-la Europa com sua habilidade vocal e agilidade junto ao trabalho.

Figura 1 – Imagem fotográfica de Constantina Araújo como Reiza no *Oberon* de Weber em 1954.



Fonte: Arquivo pessoal da família de Constantina Araújo, gentilmente disponibilizada ao autor do presente trabalho em 30 set. 2023.

O soprano *lirico-spinto*¹, conforme é classificada a voz de Constantina Araújo, tem um timbre mais escuro, característico de papéis do final do Romantismo. Raphael Cilento, diretor do Verdi Ópera Clube, narrou como era Constantina Araújo ao jornalista Irineu Franco Perpétuo, para o caderno C do jornal *Folha de São Paulo* de sexta-feira, dia 20 de março de 1998:

¹ O registro vocal classificado como soprano pode ter variações internas, como coloratura, lírico, lírico-*spinto*, dramático e meio-soprano.

“Era uma mulher belíssima, morena e alta”, recorda Raphael Cilento, diretor do Verdi Ópera Clube, que obteve, em Nova York, o registro de “Ernani” que será veiculado pela Cultura FM. “A voz era muito boa”, afirma Cilento, que a viu cantar a ópera “Cavalleria Rusticana”, de Mascagni, com Beniamino Gigli, no Pacaembu. “Tinha um ligeiro vibrato, que não incomodava”. (Cilento *apud* Perpétuo, 1998, p. C4)

Segundo Lopes (2006), na edição de 10 out. 1954 de O Jornal, o crítico musical Ayres de Andrade assim se expressou:

[...] Nenhuma cantora lírica brasileira, nestes últimos tempos, à exceção de Bidu Sayão, dispõe de um material artístico tão generoso, tão indicado a proporcionar à sua dona um renome internacional. A cantora possui voz extensa e brilhante: seu timbre cativa pela pureza: sua expressão denota o frescor peculiar ao intérprete ainda não contaminado pelos efeitos de habilidade profissional. Sua presença é atraente: seus gestos e atitudes têm a graça natural e insinuante da juventude [...]. (Andrade, 1954 *apud* Lopes, 2006).

A pesquisa apresentada neste artigo foi realizada, sobretudo, a partir de fontes documentais originais acessadas através de contatos com pós-contrerâneos do soprano, como o amigo Cysalpino Maia Carvalho (2015), sua irmã Renata Araújo, os Professores José Carlos Neves Lopes (2015) e Fausto Roberto Poço Viana, que se debruçaram um pouco sobre sua carreira. Contou, sobretudo, com o acolhimento de sua sobrinha Cláudia Ranzini Fajardo, que custodia toda a documentação deixada por Constantina Araújo.

Contexto familiar e formação musical

Os italianos chegados ao Brasil, em fins do século XIX e início do XX, fixados no estado de São Paulo, em sua grande maioria, traziam melodias de domínio público. Canções e árias de óperas eram realizadas em praça pública das cidades nas festas apostólicas cristãs. Esse povo, com a prosperidade do café paulista, deixou a zona rural e se estabeleceu na cidade (Casoy, 2006, p. 28-9).

Nos teatros municipais da capital Rio de Janeiro e de São Paulo, grandes nomes nacionais da arte lírica iniciaram suas carreiras de sucesso nacional e internacional. Uma boa parcela oriunda da Itália aqui se radicou, trazendo consigo arte uma *expertise* pedagógica que se somou ao conhecimento não sistematizado vigente no Brasil. Em um período legendário do Theatro Municipal de São Paulo, com nomes de grandes feitos líricos (nunca iguais nos seguintes anos, dizem alguns), é que se estabelece nossa heroína (Jovanovic, 1999, p. 21-2; Casoy, 2006, p. 28-30; Camargos, 2011, p. 52-77).

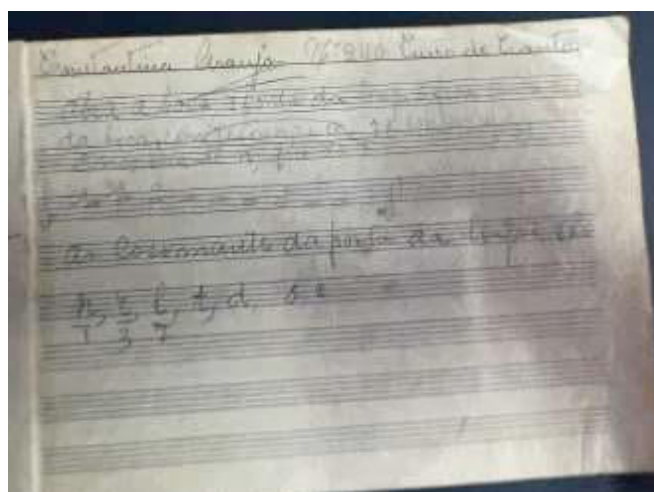


A história do teatro lírico em São Paulo prende-se, desde o princípio, à vida social da cidade. A ópera não foi imposta ao gosto e aos hábitos dos paulistanos; ela surgiu, na sua forma característica de espetáculo completo, como consequência lógica das representações dramáticas entremeadas de páginas musicais e dos concertos de canto, que mereciam as predileções do público em plena época imperial. A primeira temporada lírica realizada em São Paulo data de 1874. Um reduzido grupo de cantores, sob a direção de J. Ferri, incumbiu-se de iniciar os paulistanos na arte operística, interpretando no teatro provisório alguns trabalhos de Verdi, Bellini, Donizetti. A música desses compositores soava familiar aos ouvidos do público, mas vinha agora conjugada à encenação do espetáculo e à movimentação dos artistas no palco. Devido ao repertório e ao idioma usado, a companhia lírica era considerada “italiana”, se bem que esta não fosse a nacionalidade de grande parte dos seus elementos componentes. (Cerquera, 1954, p. 1)

Constantina Araújo nasceu na cidade de São Paulo, em 28 de maio de 1922, primogênita de três filhas, de pai português, António Duarte de Araújo e mãe italiana de Nápoles, Concetta Zupo, e irmãs Renata e Deolinda. Tendo demonstrado desde criança vocação para o canto, foi matriculada no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde estudou com Francesco Murino (?-1953).

Uma boa relação entre orientador e postulante a cantora é extremamente necessária. Mesmo após um afastamento do Conservatório, continuou estudando de maneira particular sempre com Murino (Figura 2). É interessante ressaltar que Constantina nunca fez nenhum aperfeiçoamento vocal na Europa, exceto o trabalho realizado por maestros e pianistas correpetidores.

Figura 2 – Imagem fotográfica do caderno de primeiras lições de canto de Constantina Araújo com Francisco Murino.



Fonte: Arquivo pessoal da família de Constantina Araújo, gentilmente disponibilizada ao autor do presente trabalho em 30 set. 2023.

Conedera (2020) traz um breve e raro relato a respeito de Murino, no artigo *Entre o velho e o novo mundo: a presença de musicistas italianos nas cidades paulistas e gaúchas na primeira metade do século XX*:

Francesco Murino, músico italiano proveniente da Sardenha. Murino dirigiu inúmeros concertos no Teatro Municipal de São Paulo. Realizou sua instrução musical no Liceu de Parma. O maestro sardo – como outros artistas italianos – começou sua carreira muito jovem, participando de turnês, como diretor de orquestra, por numerosos países do Velho Mundo, da América e Oriente. Veio para o Brasil contratado pela empresa Teatral Brasileira para reger corpos musicais no São Paulo e Rio de Janeiro. Depois do princípio da Grande Guerra, Francisco Murino modificou seus planos de retornar à Itália e se radicou na capital paulistana, ministrando aulas privadas de música, como realizava em Milão entre os hiatos de suas turnês. Sabe-se que ele corroborou com numerosas iniciativas promovidas pela coletividade italiana de São Paulo, principalmente durante a Primeira Guerra Mundial. O musicista também incentivou a prática musical e cultural na escola Dante Alighieri de São Paulo. (*Il Pasquino Coloniale*, set. 1922, p. 38-9 *apud* Conedera, 2020, p. 88-9)

No álbum de recortes *Constantina Araújo: uma soprano brasileira*, o professor José Carlos Neves Lopes (2015) indica um primeiro recital de Constantina Araújo. Intitulado *Programa do “Concerto Lírico”*, foi promovido pela Associação Lírico-Musical Brasileira, (fundada em 1938) e realizado no dia 14 de setembro de 1943, às 21 horas, em sua sede social, à Rua São Bento, 405, 7º andar, na capital paulista. Na ocasião, Constantina Araújo executou de Bizet, “*Habanera*” da Ópera *Carmen*, “*Stride la vampa*” da ópera *Il trovatore* e o dueto do segundo ato da ópera *Aída* de Verdi. No mesmo programa de concerto lê-se: “Soprano, Sra. Gilda Farnese e Meio soprano, Sra. Constantina Araújo. Ao piano – Acompanhamento pelo Maestro Donato Notari, da ‘Associação Lírica’”. Esse documento atesta que Constantina Araújo iniciou sua atuação cantando como *mezzo-soprano*.

Jovem e ambiciosa, Constantina possuía a mais pura das convicções e audácias para combater valores da época. Pertencia a um modelo de artista que ansiava se profissionalizar na área, tendo apoio familiar e social. A bela voz de soprano *lirico-spinto* logo despertou a atenção dos organizadores das temporadas do Teatro Municipal de São Paulo, onde Constantina estreou, em 1947, fazendo o papel de Leonora na ópera *Il Trovatore*, de Verdi. No mesmo ano, apresentou-se também em Porto Alegre (RS), nas óperas *Otello*, *Il Trovatore* e *Aída* (Lopes, 2015, p. 40-76).

Profissionalização na Rádio Gazeta de São Paulo

A Rádio Gazeta, antiga Rádio Educadora da cidade de São Paulo, foi fundada em 1943 pelo empresário da comunicação e jornalista Cásper Líbero. Ela obteve importância para uma elite paulistana, que não era necessariamente econômica, mas sim voltada à cultura e à difusão da educação (Martín-Barbero, 1997, p. 315).

A Rádio Gazeta de São Paulo realizou por duas décadas uma programação voltada à música, *in loco* com plateia, em horário nobre e no coração de São Paulo. Possuía um anfiteatro não tão amplo, porém equipado com a tecnologia do tempo, embelezado e com equipamentos de registro equiparados aos de uma casa de realização de óperas, como microfones com capacidade de registro de vozes e massa sonora orquestral, ainda com poucos canais de captação num som mono. Com período noturno, seus programas faziam uso de contrato com regentes, maestros ensaiadores, pianistas correpetidores, coros, *backing vocals*, orquestra sinfônica e *jazz band*, solistas e acervos diversos:

[Eram] 112 radioatores e radioatrizes, 76 cantores e cantoras, 99 músicos contratados (só os violinos eram 25), 47 músicos a cachê, 16 músicos de conjuntos regionais, 10 solistas, 46 locutores, 5 repórteres e 22 produtores. Isso sem contar o pessoal técnico administrativo. Totalizava cerca de 700 pessoas a serviço da emissora. (Murce, 1976, p. 24, grifos do autor)

A Rádio Gazeta tornou-se uma academia para cantores por ela contratados: a troca de experiência acontecia entre os artistas do elenco popular com os do elenco lírico e os maestros por ela contratados. Era possível para os cantores e coristas estudar as óperas, abastecer-se de referências estilísticas em suas completas fonotecas, ter sessões de correpetição para ensaios dos programas, além de uma curiosa e exigente audição pós-apresentação e radiofonia para avaliação feita pelo Maestro Belardi (Guerrini Júnior, 2009, p. 89-104).

A carreira de jovens cantores promissores decolava sobretudo sob a orientação dos maestros Armando Belardi e Edoardo De Guarnieri. Era no Desfile Lírico, Roteiro Lírico e no Cortina Lírica que eles atuavam ao lado de famosos nomes da interpretação operística. Estes eram contratados especialmente pela emissora de rádio, ou os que até ela vinham nas ocasiões de suas passagens pela América do Sul (Guerrini Júnior, 2009, p. 55-76).

Constantina foi um dos casos mais extraordinários de revelação artística no teatro lírico paulistano, trazidos a público pela Cortina Lírica da Rádio Gazeta de São Paulo. Sua primeira experiência como profissional de um *cast* de rádio se deu na antiga Rádio Cultura,

em 1947. Dali, migrou para a Gazeta, emissora que possuía orquestra própria, promovia e transmitia concertos ao vivo. Foi imediata a sua projeção naquelas famosas galas da emissora PRA-6, em cujos programas se revelaram tantos nomes brasileiros, perfazendo um extraordinário *cast* de cantores da lírica nacional e das temporadas internacionais nos Teatros Municipais de São Paulo e Rio de Janeiro (Figura 3) (Guerrini Júnior, 2009, p. 82- 84).

Figura 3 – Imagem fotográfica do caderno de anotações de todas as atividades realizadas por Constantina Araújo na Rádio Gazeta de São Paulo.



Fonte: Arquivo pessoal da família de Constantina Araújo, gentilmente disponibilizada ao autor do presente trabalho em 30 set. 2023.

Esse início da carreira de Constantina Araújo em São Paulo foi intenso, mas curto. Renata Araújo², sua irmã do meio, narrou ao jornalista Irineu Franco Perpétuo, para o caderno C do jornal *Folha de São Paulo* de sexta-feira, dia 20 de março de 1998:

² Irmã do meio de Constantina, Renata Araújo, faleceu em 2014.

Estreou no Municipal de São Paulo em 1947, mas começou a ter problemas em 1950. Após uma briga com a soprano Agnes Ayres, foi demitida da Rádio Gazeta, onde participava do programa "Cortina Lírica", dirigido pelo maestro Armando Belardi. "Depois daquilo, nem o Municipal de São Paulo nem o do Rio queriam saber dela", conta Renata Araújo, irmã da cantora. (Renata Araújo. In: Perpétuo, 1998, p. C4)

Demitida da Rádio Gazeta de São Paulo em 1950³ e rejeitada para a temporada lírica dos Municipais de São Paulo e Rio de Janeiro, Constantina Araújo viu todas as possibilidades disponíveis no Brasil se esgotarem. Restava-lhe uma opção: cruzar o Atlântico e almejar uma carreira na Europa, que era e é, o sonho da grande maioria dos artistas. Na mesma entrevista a Perpétuo, Renata Araújo complementa:

Em novembro do mesmo ano, resolveu tentar a sorte na Itália. [...] “Naquela época, mulher solteira não tinha filhos e não podia viajar sozinha nem até Santos [...] Ela foi para Milão sozinha com a cara e a coragem”. (Renata Araújo. In: Perpétuo, 1998, p. C4)

Êxito e permanência em palcos europeus

Constantina desembarcou em Zurique em 15 de novembro de 1950 e, no dia seguinte, estava em Roma (Lopes, 2015, p. 11). A viagem de Constantina Araújo à Europa decorreu de um convite feito pelo secretário de Mario Del Monaco, Carlo Tedeschi, após ouvi-la em audição privada no Brasil, conforme relata Lopes sobre uma publicação italiana:

A impressão que tiveram foi ótima, tanto que Tedeschi, de volta à Itália, escreveu para ela convidando-a a atravessar o oceano, certo de que a jovem soprano de uma forma ou de outra se afirmaria. (Lopes, 2015, p. 10-11, tradução nossa)⁴

Após as presenças pontuais de Malvina Pereira (1883-?) e Zola Amaro (1891-1944) em grandes teatros europeus, Constantina Araújo tomou de assalto o *Teatro alla Scala* de Milão e a Ópera de Paris e manteve-se nesses palcos – os mais exigentes da história da ópera – ao longo de uma década. Foi como protagonista de *Aida*, escolhida para a importante montagem do cinquentenário de morte de Giuseppe Verdi na Itália e em Milão, que colheu ovações da assistência e da crítica especializada, vide jornais e revistas nacionais e internacionais (Lopes, 2015, p. 176-178).

³ Com o advento da televisão, quando a finalidade comercial falou mais alto e o custo de artistas profissionais se tornou inviabilizado, a própria Rádio Gazeta de São Paulo fechou suas portas em 1960 (Guerrini Júnior, 2009, p. 109-115).

⁴ “L’impressione che essi ne ebbero fu ottima, tanto che il Tedeschi, rientrato in Italia, le scrisse invitandola a passare l’oceano, sicuro che il giovane soprano in un modo o nell’altro si sarebbe affermato” (Lopes, 2015, p. 10-11).

Na ocasião, o *La Scala*, de Milão procurava um soprano para nova montagem de *Aída*, em comemoração aos 50 anos de morte de Giuseppe Verdi, já que tinha havido um desencontro entre Renata Tebaldi e o maestro Victor De Sabata. Constantina, credenciada por seus sucessos anteriores, apresentou-se ao grande maestro para uma audição. Dentre os seis sopranos ouvidos, ela foi a escolhida. Assim, em 20 de fevereiro de 1951, Constantina apresentou-se no palco da mais famosa casa de ópera da Europa, tendo ao seu lado Mario Del Monaco, Fedora Barbieri e Ugo Savarese. Segundo Lopes (2015), transcrevendo do jornal *L'Avvenire d'Italia* de 1951 (s/d):

[...] tivemos a surpresa de descobrir uma jovem sul-americana, Constantina Araujo, que na parte de Aida se mostrou uma soberba intérprete, dotada de uma voz muito bonita, dosada de inteligência, confiante na entonação, e que também foi admirada por sua graça. ([s. n.] *apud* Lopes, 2015, p. 12, tradução nossa)⁵

A respeito de sua inusitada e profícua estreia em Milão, Renata Araújo narrou ao jornalista Irineu Franco Perpétuo:

De Sabata estava com problemas com a famosa Renata Tebaldi, que não queria cantar 'Aída', afirma Renata Araújo. "Ela foi até o Scala para ser ouvida pelo maestro e acabou sendo escolhida". A crítica da época, que chegou a chamá-la de "argentina" e "peruana" louvou a "soberba intérprete, dotada de uma voz belíssima, dosada com inteligência, segura na intonação (sic)". (Renata Araújo. In: Perpétuo, 1998, p. C4)

No documento intitulado "Dados biográficos de Constantina Araújo", escrito por Renata Araújo e fornecido por sua sobrinha, Cláudia Ranzini Fajardo, a irmã do meio de Constantina reafirma:

Pouco tempo depois, sabia-se nos bastidores teatrais que estava havendo divergências entre o famoso maestro Victor de Sabata e a não menos famosa soprano Renata Tebaldi e esta recusava-se a cantar a ópera *Aída*, no Teatro Scala de Milão, numa montagem toda especial, pois com esse espetáculo seria feita a homenagem pela passagem do cinquentenário da morte de Giuseppe Verdi, autor da ópera. O maior teatro lírico do mundo via-se com esse problema e procurava uma substituta. Constantina Araújo armou-se de toda a coragem, que sempre fez parte de sua personalidade e dirigiu-se ao teatro e sem nenhuma apresentação, pediu para fazer uma audição ao famoso maestro. Seus sucessos anteriores já tinham repercutido no Scala e o maestro aquiesceu em ouvi-la. Havia 6 sopranos famosos

⁵ "[...] abbiamo avuto la sorpresa di scoprire una giovane sudamericana, Constantina Araujo, che nella parte di Aida si è rivelata superba interprete, dotata di bellissima voce, dosata con intelligenza, sicura nella intonazione, e che si è fatta ammirare anche per la sua grazia" (Lopes, 2015, p. 12, tradução nossa).



que também fizeram audição ao maestro, mas foi Constantina Araújo, a humilde e franzina brasileirinha que foi aprovada pelo exigente Victor de Sabata. No dia 20 de fevereiro, com apenas 28 anos de idade, fazia sua estreia espetacular no Scala de Milão, o mais famoso teatro lírico do mundo. *Nessa ocasião só houve tempo para um ensaio geral. Seu sucesso foi tão grande em “Aída” no Scala de Milão, que o teatro realizou 2 espetáculos extras, fora de assinatura para que o público pudesse apreciá-la também numa outra ópera, que foi Ballo in Maschera*⁶. (Araújo, [s. n.]

Em todas as ocasiões que se apresentou no *La Scala*, de Milão, seu desempenho foi elogiado pela crítica. Lá cantou em *Aida*, sempre fazendo o papel principal feminino e tendo ao seu lado cantores de renome internacional como Mario Del Monaco, Fedora Barbieri e outros.

A temporada no *La Scala* abriu-lhe outras portas: Bari, Verona, Londres, Trieste, Monte Carlo, Paris, Augsburg, Lisboa, Genova, Nápoles, Bolzano, Bolonha, Capri, Salsomaggiore e outras cidades. Seu repertório incluía *Aida*, *Un Ballo in Maschera*, *I Vespri Siciliani*, *Ernani*, *La Vida Breve*, *Mefistofele*, *Madama Butterfly*, *L'Amore dei ter re*, *Oberon* e *Cavalleria Rusticana* (Lopes, 2015, p. 77-89).

Raphael Cilento, na entrevista a Perpétuo (1998, p. C4), detalha: "Sua 'Aida' foi ouvida ainda na Ópera de Paris, no São Carlos, de Lisboa, em Augsburg (Alemanha) e em Mônaco, além de teatros italianos como a Arena de Verona e o Carlo Felice, de Gênova". Tedeschi conseguiu que Constantina estreasse no Teatro Municipal de Modena, em janeiro de 1951, numa montagem da ópera *Aida*. Era o ano do cinquentenário da morte do compositor. O sucesso de sua apresentação repercutiu positivamente na imprensa, segundo matéria do jornal *L'Avvenire d'Italia*, que sua irmã Renata colecionava, disponibilizado por Lopes:

“‘Aida’, interpretada por Constantina Araújo, aumentou a surpresa do público, deixando um verdadeiro entusiasmo em todos os espectadores, que a aplaudiram com paixão, sobretudo pela eficaz dosagem imposta aos seus meios de canto verdadeiramente notáveis na preparação séria da partitura de Verdi”. ([s. n.] *apud* Lopes, 2015, p. 12, tradução nossa)⁷

⁶ O itálico destaca o trecho manuscrito a lápis, acrescentado ao já datilografado por Renata Araújo. É provável que este texto tenha sido escrito ao Jornalista Irineu Franco Perpétuo na supracitada entrevista.

⁷ “‘Aida’, impersonata da Constantina Araujo, ha aumentato la sorpresa del pubblico, per lasciando veramente un vivo entusiasmo in tutti gli spettatori, chi l’hanno applaudita com passione, soprattutto per l’efficace dosatura imposta al suol davvero notevoli mezzi canori, rivelando così una seria preparazione dello spartito verdiano” ([s. n.] *apud* Lopes, 2015, p. 12, tradução nossa). Esta citação é originária de um recorte do italiano *L'Avvenire d'Italia* (O futuro da Itália), de posse de Renata Araújo. O recorte traz apenas o nome do jornal, sem data ou autor da matéria, e este jornal não é disponibilizado online.

Sobre seu êxito, na matéria para o jornal *Folha de São Paulo* de sexta-feira, 10 de junho de 1994 (Ilustrada), sobre o soprano carioca Eliane Coelho (1951), intitulada “Garota de Ipanema vence na Ópera de Viena”, Luís Antônio Giron diz:

[...] Ela (Eliane Coelho) conseguiu se impor na cena europeia como poucas cantoras brasileiras. Antes dela, houve dois casos. A soprano Bidu Sayão, 90, chegou nos anos 40 ao Metropolitan Opera de Nova York. A soprano **Constantina Araújo**, morta em 1966 aos 42 anos, tomou o Scala de Milão na década de 50. Só faltava a Ópera de Viena para rematar uma santíssima trindade do divismo nacional. (Giron, 1994, grifo nosso)

Falta de reconhecimento no Brasil

Em outubro de 1954, Constantina foi convidada a apresentar-se no Rio de Janeiro, onde interpretou *Aída*, seu principal papel, e que cantou maior número de vezes. Conforme consta em documento manuscrito fornecido pela família, as récitas ocorreram no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 08, 11 e 14 de outubro de 1954. Segundo Renata Araújo, “Foi o maior cachê que ela já recebeu” (Renata Araújo. In: Perpétuo, 1998, p. C4). Contudo, entrevistas posteriores notificam ter sido esta a única apresentação de Constantina em óperas no Brasil, após seu lançamento internacional.

A despeito do sucesso internacional, as portas do Teatro Municipal de São Paulo ainda continuavam fechadas para Constantina Araújo. No mesmo ano de 1954, numa montagem de *Lo Schiavo*, de Carlos Gomes, em comemoração ao 4º Centenário da Cidade de São Paulo, o Municipal trouxe Antonietta Stella, soprano italiana, para fazer o papel feminino dessa ópera. (LOPES, 2015, p. 72-74). Essa falta de reconhecimento em sua pátria sempre foi um calcanhar de Aquiles para Constantina. Na entrevista a Perpétuo, Renata Araújo declara:

Ela era muito magoada com o que fizeram por aqui [...] Nas comemorações do Quarto Centenário de São Paulo, preferiram trazer uma italiana, a Antonietta Stella, ao invés da Constantina, para cantar “Lo schiavo”, de Carlos Gomes. (Renata Araújo *apud* Perpétuo, 1998, p. C4)

Em 1966, em plena atividade técnica e diante de alguns percalços quanto à viabilização de novos contratos, segundo documentos cedidos pela família, Constantina volta ao Brasil (São Paulo) para se operar de um possível fibroma. Segundo Renata Araújo, “Ela queria fazer a cirurgia na Itália, mas nós sugerimos que ela viesse para cá, onde podíamos cuidar dela” (Renata Araújo. In: Perpétuo, 1998, p. C4) e seria assistida por um médico de

confiança da família. Esse depoimento também foi confirmado ao presente pesquisador pela sobrinha de Constantina, Cláudia Ranzini Fajardo.

Constantina Araújo faleceu repentinamente em São Paulo, em seu domicílio, aos 43 anos, de embolia pulmonar, em decorrência de sua cirurgia, 14 dias após a intervenção, aos 4 de março de 1966. Seu corpo está sepultado no Cemitério da Lapa em São Paulo. À ocasião, os jornais brasileiros pouco se detiveram à tão precoce perda:

A época áurea em que seu nome era frequentemente notícia nos jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, havia ficado para trás. Portanto, não é de se estranhar que apenas quatro pequenas notas, com muitas incorreções, noticiaram sua morte. O Teatro Municipal de São Paulo não lhe rendeu homenagem e a municipalidade paulistana não agradeceu sua filha que tanto sucesso fez na Europa. (Lopes, 2015, p. 181)

Detentora de tão bela carreira, Constantina Araújo aguarda seu reconhecimento como orgulho nacional. Renata Araújo lamenta:

[...] Falecida precocemente, aos 44 anos, Constantina Araújo apresentou-se regularmente como protagonista no Scala de Milão, o grande templo italiano da ópera, mas hoje está esquecida. Seu nome não consta em livros de referência como a "Enciclopédia da Música Brasileira" (Art Editora), nem da edição brasileira do "Dicionário Grove" (Jorge Zahar). (Renata Araújo. In: Perpétuo, 1998, p. C4)

Em 2001, foi lançada uma gravação que Constantina realizou em 1958, ao lado de Mario Del Monaco, Cesare Siepi e Mario Sereni, sob regência de Fernando Previtali, para uma transmissão radiofônica da RAI, da ópera *Ernani* de Giuseppe Verdi. Trata-se de um documento raro que atesta a beleza e a qualidade de seu registro (Lopes, 2015, p. 6-13), disponível *online*⁸.

Considerações finais

Para Constantina, sua emoção, seu sentimento e sua entrega permitiram uma estreita ligação com seu público. Esta conexão emocional no momento de suas performances foi considerada por alguns especialistas, como exposto no trabalho, o fator primordial de uma comunicação expressiva musical e de uma sólida carreira.

A técnica vocal, o conhecimento fonético e semântico do texto e a vivência artística adquiridos no Brasil permitiram a Constantina Araújo um aprimoramento minucioso e de

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gt0-2OsdM9M>. Acesso em 13 fev. 2021.

enorme eficácia de obras musicais virtuosísticas, oportunizando a construção de uma carreira robusta nos mais renomados palcos europeus ao longo de dez anos ininterruptos.

O resgate de sua trajetória contribui a um duplo estabelecimento de bases históricas, tanto sobre práticas de canto no Brasil, como sobre atuações de mulheres junto à área de Música

Referências

CAMARGOS, Márcia. *Theatro Mvnicipal de São Paulo 100 anos: palco e plateia da sociedade paulistana*. São Paulo: DMP, Ministério da Cultura, Ipsis, 2011.

CARVALHO, Ricardo. *Maestro! Uma biografia: a volta por cima de João Carlos Martins e outras histórias*. Belo Horizonte: Gutemberg, 2015.

CASOY, Sérgio. *Ópera em São Paulo: 1952-2005*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CERQUEIRA, Paulo de Oliveira C. *Um século de ópera em São Paulo*. São Paulo: edição do autor, 1954.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. Entre o velho e o novo mundo: a presença de musicistas italianos nas cidades paulistas e gaúchas na primeira metade do século XX. *Revista Tempos Históricos*, v. 24, n.1. p. 73-111, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/65138482/Entre_o_velho_e_o_novo_mundo_a_presen%C3%A7a_de_musicistas_italianos_nas_cidades_paulistas_e_e_ga%C3%B7chas_na_primeira_metade_do_s%C3%A9culo_XX. Acesso em 23 jan. 2024.

DIGAETANI, John Louis. *Convite à ópera*. Tradução de Bruno Luiz Furlanetto. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

GIRON, Luís Antônio. Garota de Ipanema vence na Ópera de Viena. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. C4, 10 jun. 1994. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/10/ilustrada/1.html>. Acesso em: 12 ago. 2022.

GUERRINI JÚNIOR, Irineu. A elite no ar. Óperas, concertos e sinfonias na Rádio Gazeta de São Paulo. São Paulo: Terceira Margem, 2009.

JOVANOVIC, Aleksandar. (Ed.). 7 de outubro de 1951: Beniamino Gigli dá récita na Igreja Matriz da Sagrada Família. *Fundação Pró-Memória São Caetano do Sul*, ano X, n. 9, p. 21-2, 1999. Disponível em: <http://www.fpm.org.br/Publicacoes/PDF/36>. Acesso em: 13 nov. 2020.

LOPES, José Carlos Neves. *Constantina Araújo, soprano (1922-1966)*. Weblog.WordPress.com. Disponível em: <https://constantinaaraujo.wordpress.com/>. Acesso em: 13 ago. 2018. Acesso em: 22 jan. 2006 - 6 jul. 2007.

LOPES, José Carlos Neves. *Constantina Araújo, uma soprano brasileira*. Cornélio Procópio (PR): Universidade Estadual do Norte do Paraná, 2015. Disponível em:



ANPPOM
Associação Nacional de Pesquisa e
Pós-Graduação em Música

<http://www.ccp.uenp.edu.br/assets/downloadmanager/click.php?id=eb14>. Acesso em: 13 ago. 2018.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MURCE, Renato. *Bastidores do Rádio*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

PERPÉTUO, Irineu Franco. Cultura FM resgata Constantina Araújo: emissora de rádio transmite “Ernani”, de Verdi, ópera estrelada pela soprano brasileira e regida por Previtali. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. C4, 20 mar. 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq20039807.htm>. Acesso em: 13 jul. 2000.

XXXIV
CONGRESSO DA
ANPPOM

MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA:
SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024